

cunståncias que podem alterar o sucesso é impossivel. Mas, em qualquer assunto em que o homem não tenha uma infalivel ciência pela qual se guiar, é sinal de loucura, e geralmente desprezado com o nome de pedantismo, abandonar o próprio juizo natural para se deixar conduzir por sentenças gerais lidas em autores e sujeitas a muitas exceções. E, mesmo entre os homens que nos conselhos da república gostam de ostentar as suas leituras de política e de história, pouquissimos fazem o mesmo nos seus negócios privados, quando seus interesses particulares estão em jogo. Possuem a prudência suficiente para os seus negócios privados, mas nos negócios públicos preocupam-se mais com a reputação da sua perspicácia do que com o sucesso dos negócios alheios.

## CAP. VI.

### Da Origem Interna dos Movimentos Voluntários vulgarmente chamados PAIXÕES; e da Linguagem que os exprime.

Há nos animais dois tipos de *movimento* que lhes são peculiares. Um deles chama-se *vital*; começa com a geração e continua sem interrupção durante toda a vida. Deste tipo são a *circulação do sangue*, a *pulsação*, a *digestão*, a *nutrição*, a *excreção* etc. Para estes movimentos não é necessária a ajuda da imaginação. O outro tipo é dos *movimentos animais*, também chamados *movimentos voluntários*, como *andar*, *falar*, *mover* qualquer dos membros, da maneira como primeiro imaginamos em nossa mente. A sensação é o movimento provocado nos órgãos e partes inferiores do corpo do homem pela ação das coisas que vemos, ouvimos etc., e a imaginação é apenas o resíduo do

*Movimento vital  
e animal.*

mesmo movimento, que permanece depois da sensação, conforme já se disse nos capítulos I e II. E dado que *andar*, *falar* e os outros movimentos voluntários dependem sempre de um pensamento anterior de *como*, *onde* e *o que*, é evidente que a imaginação é a primeira origem interna de todos os movimentos voluntários. E embora os homens sem instrução não concebam que exista nenhum movimento onde a coisa movida é invisivel, ou o espaço onde ela é movida (devido à sua pequenez) é imperceptivel, não obstante, esses movimentos existem (sem nada os impede. Pois jamais um espaço será tão pequeno que aquilo que seja movido num espaço maior, do qual o espaço pequeno faz parte, não deva primeiro ser movido neste último. Estes pequenos inícios do movimento, no interior do corpo do homem, antes de se manifestarem no andar, na fala, na luta e em outras ações visiveis, chamam-se geralmente **ESFORÇO**.

*Esforço.*

Este esforço, quando vai na direção de algo que o causa, chama-se **APETITE** ou **DESEJO**, sendo o segundo o nome mais geral, e o primeiro frequentemente limitado a significar o desejo de alimento, nomeadamente a *fome* e a *sedê*. Quando o esforço vai na direção contrária de alguma coisa, chama-se geralmente **AVERSÃO**. As palavras *apetite* e *aversão* vêm do latim e ambas designam movimentos, um de aproximação e o outro de afastamento. Também os gregos tinham palavras para exprimir o mesmo, *ὄρεσις* e *ἀφορμή*. Assim, a própria natureza impõe aos homens certas verdades, com as quais depois eles vão topar quando procuram alguma coisa além da natureza. As Escolas não encontram no simples apetite de andar ou mover-se nenhuma espécie de movimento real mas, como são obrigadas a reconhecer alguma espécie de movimento, chamam-lhe movimento metafórico; o que não passa de discurso absurdo, porque só as palavras podem ser chamadas metafóricas, não os corpos e os movimentos.

Aquilo que os homens desejam se diz também que **AMAM**, e que **ODEIAM** aquelas coisas pelas quais sentem aversão. De modo que o desejo e o amor são a mesma coisa, salvo que por desejo sempre queremos dizer a ausência do objeto, e por amor,

*Amor.*

*Ódio.*

[24]

mais comumente a presença desse objeto. Também por aversão queremos dizer a ausência, e por ódio, a presença do objeto.

Dos apetites e aversões, alguns nascem com o homem, como o apetite pela comida, o apetite de excreção e exoneração (que podem também, e mais propriamente, ser chamados aversões, em relação a algo que se sente dentro do corpo) e alguns outros apetites, porém não muitos. Os restantes, que são apetites de coisas específicas, derivam da experiência e comprovação dos seus efeitos sobre si mesmos ou sobre os outros homens. Porque das coisas que inteiramente desconhecemos, ou em cuja existência não acreditamos, não podemos ter outro desejo que não o de provar e testar. Mas temos aversão, não apenas por coisas que sabemos terem-nos causado dano, mas também por aquelas que não sabemos se podem ou não causar-nos dano.

Das coisas que não desejamos nem odiamos dizemos que as *desprezamos*, pois o DESPREZO não é outra coisa senão uma imobilidade ou contumácia do coração, ao resistir à ação de certas coisas. Isso se deve ao coração estar já movido de maneira diferente por objetos mais potentes, ou à falta de experiência daquelas coisas.

Dado que a constituição do corpo de um homem se encontra em constante modificação, é impossível que as mesmas coisas nele provoquem sempre os mesmos apetites e aversões, e muito menos é possível que todos os homens sintam no desejo de um só e mesmo objeto.

Mas, seja qual for o objeto do apetite ou desejo de qual quer homem, esse objeto é aquele a que cada um chama *bom*; ao objeto do seu ódio e aversão chama *mau*, e ao do seu desprezo chama *vil* e *insignificante*. Pois as palavras "bom", "mau" e "desprezível" são sempre usadas em relação à pessoa que as usa. Não há nada que o seja simples e absolutamente, nem há nenhuma regra comum do bem e do mal que possa ser extraída da natureza dos próprios objetos. Ela só pode ser tirada da pessoa de cada um (quando não há república) ou então (numa república) da pessoa que a representa; ou também de um árbi-

*Desprezo.*

*Bom.*  
*Mau.*

tro ou juiz que pessoas discordantes possam instituir por consentimento, fazendo que a sua sentença seja aceita como regra.

A língua latina possui duas palavras cuja significação se aproxima das de bom e mau, mas que não são exatamente as mesmas, e são as palavras *pulchrum* e *turpe*. A primeira significa aquilo que por quaisquer sinais manifestos promete o bem, e a segunda, aquilo que promete o mal. Mas na língua inglesa não temos nomes suficientemente gerais para exprimir essas idéias. Para traduzir *pulchrum*, a respeito de algumas coisas usamos *belo*; de outras, *lindo* ou *bonito*, assim como *galante*, *honrado*, *conveniente*, *amigável*. Para traduzir *turpe* usamos *infame*, *disforme*, *feito*, *baixo*, *nauseante* e termos semelhantes, conforme exija o assunto. Todas estas palavras, na sua significação própria, indicam apenas o *aspecto* ou feição que promete o bem e o mal\* ou o lustro e brilho de alguma capacidade para o bem [...]<sup>1</sup>. Assim, há três espécies de bem: o bem na promessa, que é *pulchrum*; o bem no efeito, como fim desejado, que se chama *jucundum*, *delicioso*; e o bem como meio, que se chama *utile*, ou *proveitoso*. E outras tantas espécies de mal, pois o mal na promessa é o que se chama *turpe*; o mal no efeito e no fim é *molestum*, *desagradável*, *perturbador*; e o mal como meio, *inutile*, *inproveitável*, *prejudicial*.

Tal como na sensação, aquilo que realmente está dentro de nós é (como anteriormente já disse) apenas o movimento provocado pela ação dos objetos externos, mas em aparência: para a vista, a luz e a cor; para o ouvido, o som; para o olfato, o odor etc. Assim, quando a ação do mesmo objeto se prolonga, a partir dos olhos, dos ouvidos e outros órgãos, até o coração, o efeito aí realmente produzido não passa de movimento ou esforço, que consiste em apetite ou aversão em relação ao objeto movente. Mas a aparência ou sensação desse movimento é o que se chama DELEITE, ou então PERTURBAÇÃO DO ESPÍRITO.

*Deleite.*  
*Desprazer.*

*Pulchrum.*  
*Turpe.*

*Delicioso.*  
*Proveitoso.*  
[25]

*Desagradável.*  
*Prejudicial.*

<sup>1</sup> Inserido por T. H. (o restante da inserção está agora ilegível).

Este movimento a que se chama apetite e, em sua manifestação, *deleite* e *prazer*, parece constituir uma corroboração do movimento vital e uma ajuda prestada a este. Portanto, as coisas que provocam deleite eram, com toda a propriedade, chamadas *jucunda* (a *juvando*), porque ajudavam e fortaleciam; e eram chamadas *molestas*, *ofensivas*, as que impediam e perturbavam o movimento vital.

Portanto, o prazer (ou *deleite*) é a aparência ou sensação do bem, e o *incômodo* ou *desprazer* é a aparência ou sensação do mal. Conseqüentemente, todo apetite, desejo e amor é acompanhado por um deleite maior ou menor, e todo ódio e aversão, por um desprazer e ofensa maior ou menor.

Dentre os prazeres ou deleites, alguns derivam da sensação de um objeto presente, e a eles pode-se chamar *prazeres dos sentidos* (a palavra *sensual*, tal como é usada apenas por aqueles que condenam esses prazeres, só tem lugar depois de existirem leis). Desta espécie são todas as onerações e exonerções do corpo, além de tudo quanto é agradável à *vista*, ao *ouvido*, ao *olfato*, ao *gosto* e ao *tato*. Outros prazeres ou deleites derivam da expectativa provocada pela previsão do fim ou conseqüências das coisas, quer essas coisas agradem ou desagradem aos sentidos. Estes são os *prazeres do espírito* daquele que extrai essas conseqüências, e geralmente recebem o nome de ALEGRIA. De maneira semelhante, alguns dos desprazeres residem na sensação, e chama-se-lhes DOR; outros residem na expectativa de conseqüências, e chama-se-lhes TRISTEZA.

Estas paixões simples chamadas *apetite*, *desejo*, *amor*, *aversão*, *ódio*, *alegria* e *tristeza* recebem nomes diversos conforme a maneira como são consideradas. Em primeiro lugar, quando uma sucede à outra, são designadas de maneiras diversas conforme a opinião que os homens têm da possibilidade de conseguir o que desejam. Em segundo lugar, do objeto amado ou odiado. Em terceiro, da consideração de muitas delas em conjunto. E em quarto, da alteração da própria sucessão.

O *apetite*, ligado à crença de conseguir, chama-se ESPERANÇA.

Prazer.

Ofensa.

Prazeres dos sentidos.

Prazeres do espírito.

Alegria.

Dor.

Tristeza.

Esperança.

O mesmo apetite, sem essa crença, chama-se DESESPERO.

A *aversão*, ligada à crença de *dano* proveniente do objeto, chama-se MEDO.

A mesma aversão, com esperança de evitar esse dano pela resistência, CORAGEM.

A *coragem* súbita chama-se CÓLERA.

A *esperança* constante chama-se CONFIANÇA em si mesmo.

O *desepero* constante chama-se DESCONFIANÇA em si mesmo.

[26]

Indignação.

Benevolência.

Bondade natural.

Cobiça.

Ambição.

Pusilanimidade.

Magnanimidade.

Valentia.

Liberalidade.

Mesquinhez.

A mesma aversão, com esperança de evitar esse dano pela resistência, CORAGEM.

A *coragem* súbita chama-se CÓLERA.

A *esperança* constante chama-se CONFIANÇA em si mesmo.

O *desepero* constante chama-se DESCONFIANÇA em si mesmo.

A *cólera* perante um grande dano feito a outrem, quando pensamos que este foi feito por injúria, chama-se INDIGNAÇÃO.

O *desejo* do bem dos outros chama-se BENEVOLENÇA, BOA VONTADE, CARIDADE. Se for desejo do bem do homem em geral, chama-se BONDADE NATURAL.

O *desejo* de riquezas chama-se COBIÇA, palavra que é sempre usada em tom de censura, porque os homens que lutam por riquezas vêem com desgosto que os outros as consigam, embora o desejo em si mesmo deva ser censurado ou permitido de acordo com os meios pelos quais se procura conseguir-las.

O *desejo* de cargos ou de preeminência chama-se AMBIÇÃO, nome usado também no pior sentido, pela razão acima referida.

O *desejo* de coisas que só contribuem um pouco para os nossos fins, e o medo das coisas que constituem apenas um pequeno impedimento, chama-se PUSILANIMIDADE.

O *desprezo* pelas pequenas ajudas e impedimentos chama-se MAGNANIMIDADE.

A *magnanimidade*, em perigo de morte ou de ferimentos, chama-se CORAGEM ou VALENTIA.

A *magnanimidade* no uso das riquezas chama-se LIBERALIDADE.

A *pusilanimidade* quanto ao uso das riquezas chama-se MESQUINHEZ e TACANHEZ ou PARCIMÔNIA, conforme dela se goste ou não.

O amor pelas pessoas, sob o aspecto da convivência social, chama-se GENTILEZA.

O amor pelas pessoas, apenas sob o aspecto dos prazeres dos sentidos, chama-se LASCÍVIA NATURAL.

O amor pelas pessoas, adquirido por reflexão insistente, isto é, por imaginação do prazer passado, chama-se LUXÚRIA.

O amor por uma só pessoa, junto ao desejo de ser amado com exclusividade, chama-se A PAIXÃO DO AMOR. Este, somado ao receio de que o amor não seja recíproco, chama-se CIÚME.

O desejo de causar dano a outrem, a fim de o levar a lamentar qualquer dos seus atos, chama-se ÂNSIA DE VINGANÇA.

O desejo de saber o porquê e o como chama-se CURIOSIDADE, e não existe em nenhuma criatura viva a não ser no homem. Assim, não é só pela razão que o homem se distingue dos outros *animais*, mas também por esta singular paixão. Nos outros animais, o apetite pelo alimento e outros prazeres dos sentidos predominam de modo tal que impedem toda e qualquer preocupação com o conhecimento das causas, o qual é uma lascívia do espírito que, devido à persistência do defeite na contínua e infatigável produção do conhecimento, supera a fugaz veemência de qualquer prazer carnal.

O medo dos poderes invisíveis, inventados pelo espírito ou imaginados com base em histórias publicamente permitidas, chama-se RELIGIÃO; quando essas histórias não são permitidas, chama-se SUPERSTIÇÃO. Quando o poder imaginado é realmente como o imaginamos, chama-se VERDADEIRA RELIGIÃO.

O medo sem se saber por quê ou de quê chama-se TERROR PÂNICO, nome que lhe vem das fábulas que faziam de Pã o seu autor. Na verdade, existe sempre em quem primeiro sente esse medo uma certa compreensão da causa, embora os restantes fujam devido ao exemplo, cada um supondo que o seu companheiro sabe por quê. Portanto, esta paixão só ocorre numa turba ou multidão de pessoas.

Gentileza.

Lascívia natural.

Luxúria.

A paixão do amor.

Ciúme.

Vingança.

Curiosidade.

A *alegria* ao saber de uma novidade chama-se ADMIRAÇÃO; é peculiar ao homem, porque desperta o apetite de conhecer a causa.

A *alegria* proveniente da imaginação do próprio poder e capacidade é aquela exultação do espírito a que se chama GLORIFICAÇÃO, a qual, se baseada na experiência das suas próprias ações anteriores, é o mesmo que *confiança*; e, se baseada na lisonja dos outros, ou é apenas suposta pelo próprio, para se deleitar com as suas conseqüências, chama-se VANGLÓRIA – nome muito apropriado, porque uma *confiança* bem fundada leva à eficiência, ao passo que a suposição do poder não leva ao mesmo resultado e é portanto justamente chamada *vã*.

A *tristeza* devida à convicção da falta de poder chama-se DESALENTO.

A *vanglória* que consiste na invenção ou suposição de capacidades que sabemos não possuir é mais freqüente nos jovens e é alimentada pelas narrativas verdadeiras ou fictícias de pessoas notáveis. Muitas vezes é corrigida pela idade e pela ocupação.

O *entusiasmo súbito* é a paixão que provoca aquelas *caréias* a que se chama RISO. Este é provocado ou por um ato repentino de nós mesmos que nos diverte ou pela percepção de alguma coisa deformada em outra pessoa com a qual, ao nos compararmos, subitamente aplaudimos a nós mesmos. Isto acontece mais aos que têm consciência de seus poucos recursos e são obrigados a reparar nas imperfeições dos outros para continuarem indulgentes consigo. Portanto, um excesso de riso em face dos defeitos dos outros é sinal de pusilanimidade. Porque um dos feitos próprios dos grandes espíritos é ajudar outros e livrá-los do escárnio e comparar-se apenas com os mais capazes.

Pelo contrário, o *desalento súbito* é a paixão que provoca o CHORO, e é provocado por aqueles acidentes que bruscamente vêm frustrar uma forte esperança, ou retirar algum apoio de seu poder. E os que lhe estão mais sujeitos são os que confiam principalmente em auxílios de fora, como as mulheres e as crianças. Assim, alguns choram porque perderam os

Admiração.

[27]

Glória.

Vanglória.

Desalento.

Entusiasmo súbito.

Riso.

Desalento súbito.

Choro.

amigos, outros, por causa da falta de amabilidade destes últimos, e outros, pela brusca paralisação dos seus pensamentos de vingança, provocada pela reconciliação. Mas em todos os casos tanto o riso como o choro são movimentos repentinos, e o hábito a ambos faz desaparecer. Pois ninguém ri de piadas velhas, nem chora por causa de uma velha calamidade.

A *tristeza* causada pela descoberta de alguma falta de capacidade é a VERGONHA, a paixão que se revela através do RUBOR. Consiste ela na percepção de uma coisa desonrosa. Nos jovens é sinal de amor à boa reputação, e é louvável. Nos velhos é sinal da mesma coisa, mas, como já chega tarde demais, não é louvável.

O *desprezo* pela boa reputação chama-se IMPUDÊNCIA.

A *tristeza* perante a desgraça alheia chama-se PIEDADE, e surge ao imaginarmos que a mesma desgraça poderia acontecer a nós mesmos. Por isso é também chamada COMPAIXÃO, ou, na expressão atualmente em voga, SIMPATIA. Assim, quanto às calamidades provocadas por uma grande maldade, os melhores homens são os que sentem menos piedade; quanto à mesma calamidade, sentem menos piedade os que se consideram menos sujeitos a ela.

O *desprezo* ou pouca preocupação com a desgraça alheia é o que os homens chamam CRUELDADE, que deriva da segurança da própria fortuna. Pois não concebo que alguém possa sentir prazer de grandes males sofridos por outros sem que se tenha um interesse pessoal no caso.

A *tristeza* causada pelo sucesso de um competidor em riqueza, honra ou outros bens, se se lhe juntar o esforço para aumentar as nossas próprias capacidades, a fim de o igualar ou superar, chama-se EMULAÇÃO. Quando ligada ao esforço para suplantar ou levantar obstáculos ao competidor chama-se INVEJA.

Quando surgem alternadamente no espírito humano apêtitos e aversões, esperanças e medos, relativamente a uma mesma coisa; quando passam sucessivamente pelo pensamento as diversas conseqüências boas ou más de praticar ou abster-se de praticar a coisa proposta, de modo tal que às vezes se sente um

Vergonha.

Rubor.

Impudência.

Piedade.

Crueldade.

[28]

Emulação.

Inveja.

apetite em relação a ela, e às vezes uma aversão, às vezes a esperança de ser capaz de praticar, e às vezes o desespero ou medo de a empreender, toda a soma de desejos, aversões, esperanças e medos, que se vão desenrolando até que a ação seja praticada, ou considerada impossível, leva o nome de DELIBERAÇÃO.

Portanto, é impossível haver *deliberação* quanto às coisas passadas, pois é manifestamente impossível que estas sejam mudadas; nem de coisas que se sabe serem impossíveis, porque os homens sabem, ou supõem, que tal deliberação seria vã. Mas é possível deliberar sobre coisas impossíveis, quando as supomos possíveis, sem saber que será em vão. É o nome *deliberação* vem de ela consistir em pôr fim à *liberdade* que antes tínhamos de praticar ou evitar a ação, conforme nosso apetite ou aversão.

Esta sucessão alternada de apetites, aversões, esperanças e medos não é maior no homem do que nas outras criaturas vivas; conseqüentemente, os animais também deliberam.

Diz-se então que toda *deliberação* chega ao fim quando aquilo sobre o que se deliberava foi feito ou considerado impossível, pois até esse momento conserva-se a liberdade de o fazer ou evitar, conforme os próprios apetites ou aversões.

Na *deliberação*, o último apetite ou aversão imediatamente anterior à ação ou à omissão desta é o que se chama VONTADE, o ato (não a faculdade) de *querer*. Os animais, dado que são capazes de *deliberações*, devem necessariamente ter também *vontade*. A definição da *vontade* vulgarmente dada pelas Escolas, como *apetite racional*, não é aceitável. Porque se assim fosse não poderia haver atos voluntários contra a razão. Pois um *ato voluntário* é aquele que deriva da *vontade*, e nenhum outro. Mas se, em vez de dizermos que é um apetite racional, dissermos que é um apetite resultante de uma deliberação anterior, neste caso a definição será a mesma que aqui apresentei. Portanto, a *vontade* é o *último apetite na deliberação*. Embora na linguagem comum se diga que um homem teve uma vez *vontade* de fazer uma coisa, que não obstante evitou fazer, isto é propriamente apenas uma inclinação, que não constitui uma ação voluntária, pois a ação não depende dela, e sim da última

inclinação ou apetite. Porque se todos os apetites intervenientes fizessem de uma ação uma ação voluntária, então pela mesma razão todas as aversões intervenientes deveriam fazer da mesma ação uma ação involuntária; e assim uma mesma ação seria ao mesmo tempo voluntária e involuntária.

Fica assim manifesto que as *ações voluntárias* não são apenas as que têm origem na cobiça, na ambição, na lascívia e em outros apetites em relação à coisa proposta, mas também aquelas que têm origem na aversão ou no medo das conseqüências decorrentes da omissão da ação.

As formas de linguagem por meio das quais se exprimem as paixões são em parte as mesmas, e em parte diferentes daquelas pelas quais se exprimem os pensamentos. Em primeiro lugar, todas as paixões podem, de maneira geral, ser expressas no *indicativo*, como por exemplo *amo, temo, alegre-me, delitbero, quero, ordeno*; mas algumas delas têm expressões que lhes são peculiares, e todavia não são afirmações, a não ser para fazer outras inferências além da inferência da paixão de que deriva a expressão. A deliberação exprime-se pelo *subjuntivo*, que é o modo próprio para exprimir as suposições e as suas conseqüências, como por exemplo em *Se isto for feito, então isto se seguirá*. Não difere da linguagem do raciocínio, salvo que o raciocínio se exprime através de termos gerais, e a deliberação refere-se sobretudo a casos particulares. A linguagem do desejo e da aversão é *imperativa*, como por exemplo em *Faz isto ou Evita aquilo*. Quando o outro é obrigado a fazer ou a evitar, essa linguagem é uma *ordem*; caso contrário, é um *pedido*, ou então um *conselho*. A linguagem da vanglória, ou da indignação, da piedade e da vingança é *optativa*; mas para o desejo de conhecer há uma expressão peculiar a que se chama *interrogativa*, como, por exemplo, em *O que é isso? Quando será isso? Como se faz isso?* e *Por que isso?* Não conheço mais nenhuma linguagem das paixões, porque as maldições, juras e insultos, e coisas semelhantes, não têm significado como linguagem, e sim como ações de um linguajar habitual.

Estas formas de linguagem são expressões ou significações voluntárias das nossas paixões. Mas determinados sinais não

[29]

Formas de linguagem,  
na paixão.

o são, pois podem ser usados arbitrariamente, quer aqueles que os usam tenham ou não tais paixões. Os melhores sinais das paixões atuais estão \*na\*<sup>1</sup> atitude, nos movimentos do corpo, nas ações e nos fins e propósitos que de algum outro modo sabemos que a pessoa tem.

Como na deliberação os apetites e aversões são suscitados pela previsão das boas ou más conseqüências e seqüelas da ação sobre a qual se delibera, os bons ou maus efeitos dessa ação dependem da previsão de uma extensa cadeia de conseqüências, cujo fim muito poucas vezes qualquer pessoa é capaz de ver. Mas até o ponto em que se consiga ver que o bem dessas conseqüências é superior ao mal, o conjunto da cadeia é aquilo que os autores chamam *bem visível* ou *manifesto*. Pelo contrário, quando o mal é maior do que o bem, o conjunto chama-se *mal visível* ou *manifesto*. Assim, quem possuir, graças à experiência ou à razão, a maior e mais segura perspectiva das conseqüências será mais capaz de deliberar para si, e terá mais condições, quando quiser, de dar aos outros os melhores conselhos.

O *sucesso contínuo* na obtenção daquelas coisas que de tempos em tempos os homens desejam, quer dizer, o prosperar conspícuo, é aquilo a que os homens chamam FELICIDADE; refiro-me à felicidade nesta vida. Pois não existe uma perpétua tranquilidade de espírito enquanto aqui vivemos, porque a própria vida não passa de movimento, e jamais pode deixar de haver desejo, ou medo, tal como não pode deixar de haver sensação. Que espécie de felicidade Deus reservou àqueles que devotamente o veneram é coisa que ninguém saberá antes de a gozar. São alegrias tão incompreensíveis agora como é ininteligível a expressão *visão beatífica*, usada pelos escolásticos.

A forma de linguagem por meio da qual os homens exprimem a sua opinião da excelência de alguma coisa chama-se LOUVOR. Aquela pela qual exprimem o poder e grandeza de alguma coisa é a EXALTAÇÃO; e aquela pela qual exprimem a opinião que têm da felicidade de um homem era pelos gregos

<sup>1</sup> Syn.: também na

Bem e mal manifestos.<sup>1</sup>

Felicidade.

[30]

Louvor.  
Exaltação.

chamada *μικροπιστιός*, palavra para a qual não existe tradução na língua inglesa. E isto é quanto basta dizer sobre as PAIXÕES, para o propósito presente.

## CAP. VII.

### Dos Fins ou Resoluções do DISCURSO.

Para todo *discurso* governado pelo desejo de conhecimento existe pelo menos um *fim*, quer seja para conseguir ou para abandonar alguma coisa. E onde quer que a cadeia do discurso seja interrompida existe um fim provisório.

Se o discurso for apenas mental, consistirá em pensamentos de que uma coisa será ou não, de que ela foi ou não foi, alternadamente. De modo que, onde quer que interrompamos a cadeia do discurso de alguém, deixamo-lo na suposição de que algo *será* ou *não será*; de que *foi* ou *não foi*. Tudo isto é *opinião*. E tudo quanto é apetite alternado, na deliberação relativa ao bem e ao mal, é também opinião alternada, na investigação da verdade sobre o *passado* e o *futuro*. E tal como o último apetite na deliberação se chama *vontade*, assim também a última opinião na busca da verdade sobre o passado e o futuro se chama *Juízo*, ou *sentença final* e *decisiva* daquele que *discursa*. E tal como o conjunto da cadeia de apetites alternados, quanto ao problema do bem e do mal, se chama *deliberação*, assim também o conjunto da cadeia de opiniões alternadas, quanto ao problema da verdade e da falsidade, se chama *DÚVIDA*.

Nenhuma espécie de discurso pode terminar no conhecimento absoluto dos fatos, passados ou vindouros. Pois, quanto ao conhecimento dos fatos, trata-se originalmente de sensação e, sempre depois, de memória; e quanto ao conhecimento das conseqüências, que já disse chamar-se ciência, não é absoluto, mas condicional. Ninguém pode chegar a saber pelo discurso que isto ou aquilo é, foi ou será, porque isso é conhecer absolu-

tamente. É possível apenas saber que, se isto é, aquilo também é; que, se isto foi, aquilo também foi; e que, se isto será, aquilo também será, e isso é conhecer condicionalmente. E não se trata de conhecer as conseqüências de uma coisa para outra, e sim as do nome de uma coisa para outro nome da mesma coisa.

Portanto, quando o discurso é expresso por meio de linguagem, começa pela definição das palavras e procede mediante sua conexão em afirmações gerais, e destas por sua vez em silogismos, o fim ou soma total é chamado conclusão; e o pensamento por esta significado é aquele conhecimento condicional ou conhecimento das conseqüências das palavras, a que geralmente se chama CIÊNCIA. Mas se o primeiro fundamento desse discurso não forem as definições, ou se as definições não forem corretamente ligadas em silogismo, nesse caso o fim ou conclusão volta a ser OPINIÃO, acerca da verdade de algo afirmado, embora às vezes em palavras absurdas e destituídas de sentido, sem possibilidade de serem compreendidas.

Quando duas ou mais pessoas conhecem um e o mesmo fato, diz-se que cada uma delas está CONSCIENTE do fato em relação à outra, o que equivale a conhecer conjuntamente. E porque cada uma delas é para a outra, ou para uma terceira, a melhor testemunha de tais fatos, tem sido e sempre será considerado um ato extremamente perverso que qualquer um fale contra a sua *consciência*, ou corrompa ou force outrem a fazê-lo. É por isso que em todos os tempos sempre se escuta com grande atenção o testemunho da consciência. Depois passou-se a usar metaforicamente a mesma palavra, para indicar o conhecimento dos fatos e pensamentos secretos de cada um, de modo que retoricamente se diz que a consciência equivale a mil testemunhas. E finalmente os homens, intensamente apaixonados pelas suas novas opiniões (por mais absurdas que fossem), e obstinadamente inclinados a mantê-las, deram também a essas opiniões o reverenciado nome de consciência, como se desejassem considerar ilícito mudá-las ou falar contra elas; e assim pretextam saber que estão certos, quando no máximo sabem que pensam estar.